

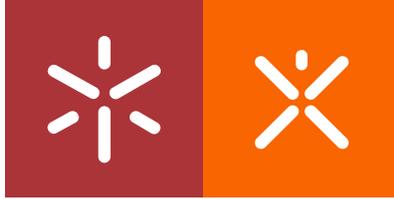


**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Carla Sandra Caetano dos Santos Paiva

**Contributos da EBR e do Ecomapa na  
construção do PIIP e na avaliação autêntica  
centrada na família: Perspetivas dos  
profissionais das ELI´S**





**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Carla Sandra Caetano dos Santos Paiva

**Contributos da EBR e do Ecomapa na  
construção do PIIP e na avaliação autêntica  
centrada na família: Perspetivas dos  
profissionais das ELI´S**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Educação Especial  
Área de especialização em Intervenção Precoce

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Ana Maria Silva Pereira  
Henriques Serrano**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada. Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### ***Licença concedida aos utilizadores deste trabalho***



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações  
CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Serrano por ter aceite orientar-me e por me ter ajudado com a sua experiência e o seu conhecimento. A sua disponibilidade, paciência, compreensão, sugestões e palavras de motivação permitiram a conclusão deste trabalho.

Às seis Equipas Locais de Intervenção que me acolheram e que partilharam comigo a sua experiência no terreno e me mostraram a importância do seu trabalho e como este marca a diferença na vida das crianças e das famílias. Um agradecimento especial às minhas amigas Daniela Lima, Graça Sousa, Fátima Louro, Conceição Nogueira e Lurdes Fernandes e ainda à D. Celeste Ferreira pelo seu precioso apoio e por terem estado presentes sempre que eu precisei.

Aos familiares e amigos, cuja existência, me desafiou e levou a persistir nos meus objetivos.

À minha mãe que sempre me apoiou para que eu finalizasse mais esta etapa.

À memória do meu pai que sempre desejou que eu fosse mais longe mas partiu sem ver a conclusão deste trabalho.

Por fim, ao meu marido que me acompanhou, mimou e compreendeu todas as minhas ausências.

Sem ele, provavelmente, eu não teria percorrido este caminho.

A todos a minha gratidão.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho

# **Contributos da EBR e do Ecomapa na construção do PIIP e na avaliação autêntica centrada na família: Perspetivas dos profissionais das ELI´S**

## **RESUMO**

O importante trabalho das Equipas de Intervenção Precoce é muitas vezes o primeiro e único suporte das famílias e das suas crianças. Diariamente, estas equipas procuram apoiar as famílias e crianças nos seus esforços de capacitação das famílias que atendem e fazem-no no sentido de sempre melhorarem as suas práticas.

Como meio de instrumentos de trabalho conjunto entre a equipa e a família são usados, entre outros, o Ecomapa e a Entrevista Baseada em Rotinas (EBR).

O objetivo deste estudo é compreender se estes instrumentos satisfazem completamente a equipa, na qual a família está incluída, ou se os adaptam às suas necessidades. Este trabalho evidenciará também alguns anseios e expectativas das equipas que aceitaram colaborar nesta investigação.

Os resultados apontam para a utilização plena do ecomapa por parte dos profissionais das equipas, no entanto no que concerne à EBR os profissionais referem que dado a extensão da mesma, utilizam-na com pequenas adaptações.

**Palavras- Chave:** Desenvolvimento Profissional; Ecomapa; Entrevista Baseada em Rotinas; Intervenção Precoce na Infância.

# **The contributions of the "EBR" and the Ecomap in the construction of the "PIIP" and in the authentic evaluation centered on the family: perspective of Eli's professionals**

## **ABSTRACT**

The important work of the Preventive Intervention Teams is many times the first and only support for children and their families. These teams look to support families and children on a daily basis, by giving the participating families competencies so that they improve their practices.

In order to do this, and for the teams and the families to work in conjunction, some of the tools used are ECOMAP and Routine Based Interview, among others.

The target of this study was to understand if these tools are adequate for the work of the team within the family they were working with. This study was also meant to highlight some of the concerns and expectations of the teams that agreed to participate in this research.

The results indicate that the full use of Ecomap by professionals is very productive, on the other hand, the Routine Based Interview, given its wide scope, is used with some adaptations.

**Key words:** Childhood Preventive Intervention, Ecomap, Professional Development, Routine Based Interview.

## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS .....	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
RESUMO .....	v
ABSTRACT .....	vi
INTRODUÇÃO.....	1
1. REVISÃO DA LITERATURA.....	3
1.1. Intervenção Precoce na Infância .....	3
1.2. Modelos teóricos subjacentes à Intervenção Precoce na Infância.....	6
1.2.1. Modelo da Ecologia do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner .....	6
1.2.2. Modelo Transaccional de Sameroff & Chandler (1975) .....	8
1.2.3. Teoria Sistémica .....	8
1.2.4. Modelo do suporte social de Dunst .....	9
2. AVALIAÇÃO AUTÊNTICA CENTRADA NA FAMÍLIA .....	10
2.1. Ecomapa.....	12
2.2. EBR .....	14
2.3. PIIP .....	14
2.4. Dificuldades .....	15
3. METODOLOGIA .....	16
3.1. Abordagem metodológica .....	16
3.2. Questão de investigação .....	17
3.3. Objetivos do estudo .....	17
3.4. Participantes .....	18
3.5. Procedimentos de Recolha de dados .....	19
3.5.1. Guião da entrevista.....	19

3.6. Procedimentos da ética da investigação.....	20
3.7. Tratamento dos dados.....	21
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	22
4.1. Caracterização Sociodemográfica do respondente da ELI.....	22
4.2. Caraterização da equipa.....	24
4.3. Processo de Intervenção precoce na infância com uma família.....	26
4.3.1. O papel da Família (pergunta 7, 8, 9, 10).....	27
4.4. Instrumentos usados pela equipa.....	28
5. CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	41
Anexo I – Consentimento Informado.....	42
Anexo II – Guião de Entrevista às ELI'S.....	43

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1. Distribuição geográfica das Eli's da região norte de Portugal .....	18
Figura 2. Formação inicial do entrevistado .....	22
Figura 3. Tempo a que trabalha em Elis.....	23
Figura 4. Número de anos em que trabalhou em IP antes do Decreto-lei 281/2009.....	23
Figura 5. Razões pelas quais gostam de trabalhar na área da IP .....	24
Figura 6. Organização e funcionamento da equipa .....	26
Figura 7. Processo de Intervenção Precoce na Infância .....	27
Figura 8. Papel da família .....	28
Figura 9. Vantagens dos Ecomapa e da EBR.....	29

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1. Elementos constituintes das 6 equipas .....	25
---	----

## **INTRODUÇÃO**

Os primeiros anos de vida de uma criança são extremamente importantes para o seu desenvolvimento, pois a ciência salienta que neste período o cérebro da criança está sujeito a uma maior plasticidade, logo a uma maior influência de fatores externos.

Calafate e Calafate (2021) definem a neuro plasticidade cerebral como “a capacidade que o sistema nervoso possui de mudar-se e adaptar-se em resposta a estímulos internos e externos, induzindo alterações estruturais e /ou funcionais, ao longo da vida”. Segundo estes autores, “a plasticidade constitui um dos pilares dos processos de aprendizagem e de memória”

Também Guerrero e Gonçalves (2008, p.30) referem que “o cérebro é um órgão plástico que se constrói e reconstrói a partir das experiências do indivíduo, do viver do organismo, da sua história”.

Podemos deduzir, pelos conhecimentos transmitidos pela neurociência, da importância da Intervenção Precoce na Infância (IPI) que procura “promover o desenvolvimento das diferentes funções e competências “da criança e que deve acontecer nos seus contextos naturais, com o objetivo de promover a criança e a família, numa visão sistémica e holística. Esta intervenção deverá ter por base os modelos ecológicos do desenvolvimento humano.

A European-Agency no seu relatório síntese da análise das situações na Europa (2005, p.17) apresenta diferentes definições de IPI, inseridas numa abordagem ecológica, oriundas de diferentes especialistas neste tema: Guralnick (2001) “define IPI como um sistema planeado para apoiar os padrões de interação das famílias que melhor promovam o desenvolvimento da criança”. Para Shonkoff & Meisels (2000), a IPI consiste em serviços multidisciplinares prestados às crianças dos zero aos cinco anos de idade. Considera o autor que integram os seus principais objetivos a promoção da saúde e o bem-estar da criança, a promoção de competências, minimizando os atrasos no desenvolvimento, a possibilidade de remediar as incapacidades existentes ou emergentes, impedir a deterioração funcional e promover a adaptação parental e o funcionamento global da família; Blackman (2003) considera que “o objetivo da intervenção precoce [na infância] é prevenir ou minimizar as limitações físicas, cognitivas, emocionais das crianças com fatores de risco biológico ou ambiental”; Na perspetiva de Dunst (1985), IPI é vista como “a prestação de apoio (e recursos) às famílias de crianças nos primeiros anos de vida, por membros das redes de apoio social formais ou informais, que tenha impacto quer direta quer indiretamente no funcionamento dos pais, da família e da criança“ (Dunst, 1985, p. 179); Trivette, Dunst & Deal (1997) apontam “soluções baseadas em serviços para responder às necessidades da

criança e da família”.

IPI são os diferentes tipos de apoio parental fornecidos por profissionais da primeira infância e outros membros da rede social, que fornecem aos pais tempo, energia, conhecimento e habilidades, para envolver os seus filhos nas oportunidades diárias de aprendizagem infantil, que promovam e melhorem a confiança e a competência da criança e dos pais. (Dunst 2000, 2007, 2017); (Dunst e Espe-Sherwindt, 2016)

A investigação realizada nesta área refere que bebés e crianças aprendem melhor através de experiências diárias e em interações com pessoas que lhe são familiares, em contextos que lhe são familiares. No modelo centrado na família, reconhece-se que as relações entre os vários membros da família, assim como as relações entre a família e a comunidade em que a primeira está inserida são importantes para o funcionamento da família e para o desenvolvimento da criança Bailey & McWilliam (1993) e McBride, Brotherson, Joanning, Whiddon & Demmitt, (1993) e Pimentel, (2005)

Franco (2015) salienta a importância família, pois é no seu contexto que a criança organiza o seu desenvolvimento.

Assim, o mediador da IPI deve trabalhar para apoiar a família, com o objetivo desta reunir todos os recursos necessários à promoção do desenvolvimento da criança e da própria família.

Os princípios - chave da IPI em contextos naturais apontam nesse sentido (Workgroup, 2008)

Assim, Mc William (2012, p.40) aponta a EBR como um instrumento fundamental pois “permite à família identificar necessidades funcionais” que serão posteriormente objeto de intervenção, inseridas nas rotinas e contextos que são naturais para a criança e para a família.

Este autor apresenta três domínios transversais subjacentes à Intervenção Precoce centrada na família: a participação das crianças nas rotinas de casa, do jardim-de-infância e comunidade; a autonomia da criança perante estas rotinas; as relações das crianças no âmbito dessas rotinas.

A EBR ajuda a família a definir as suas necessidades de desenvolvimento e apoio que devem ser integradas e respeitadas pelos profissionais.

Neste estudo pretendemos conhecer os serviços de IPI prestados pelas equipas do SNIPI Região Norte, no que concerne os apoios prestados às famílias e crianças e em particular conhecer as suas perspetivas sobre o contributo da utilização de dois instrumentos Ecomapa e EBR para uma avaliação autêntica e centrada na família.

Tentaremos igualmente, através do testemunho das equipas que aceitaram integrar este desafio, compreender qual é habitualmente o sentimento das famílias face a estes instrumentos e se os sentem como relevantes na descoberta que fazem de si próprias e das suas potencialidades.

# **1. REVISÃO DA LITERATURA**

## **1.1. Intervenção Precoce na Infância**

O Sistema Nacional de IPI é criado pelo Decreto-Lei nº 281/2009 de 6 de outubro e define-se como um “conjunto organizado de entidades institucionais e de natureza familiar, com vista a garantir condições de desenvolvimento das crianças com funções ou estruturas do corpo que limitam o crescimento pessoal, social, e a sua participação nas atividades típicas para a idade, bem como das crianças com risco grave de atraso no desenvolvimento”.

A IPI destina-se a crianças até aos seis anos que apresentem perturbações do desenvolvimento ou estejam em risco e suas famílias (Carvalho et al, 2016). A questão é “o desenvolvimento global, presente e futuro, da criança, bem como da família e do contexto que a rodeiam”. (Franco, 2007, p.1).

A IPI será por conseguinte o conjunto das intervenções dirigidas às crianças, até aos 6 anos, com problemas de desenvolvimento ou em risco de os virem a apresentar e suas famílias (Correia & Serrano, 1998)

Bairrão e Almeida (2003) recolhem algumas definições de diferentes autores, sendo que Bailey e Wolery (2002) definem Intervenção Precoce como os serviços de educação especial destinados às crianças em idades precoces e às suas famílias. Para Dunst e Bruder (2002), Intervenção Precoce engloba serviços, apoios e recursos necessários para responder às necessidades das crianças abrangidas pelos programas de IP. Inclui ainda atividades e oportunidades que contribuam para a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Estes autores incluíam também os serviços para ajudar as famílias a terem um papel ativo no desenvolvimento dos seus filhos. Mais recentemente, Espe-Sherwindt et al. (2017, p.124), citando (Dunst, Rabb, Trivette, & Swanson, 2012) definiram IPI como um sistema que “ compreende as experiências e oportunidades diárias, mediadas pelos pais e outros prestadores de cuidados principais, no contexto de atividades significativas nos ambientes naturais da criança, proporcionando-lhe a aquisição e prática de competências ajustadas às interações das crianças com as suas «pessoas de referência», com quem partilham uma relação significativa”.

O conceito de Intervenção Precoce na Infância e as suas práticas têm vindo cada vez mais a ser trabalhados e aperfeiçoados pelo contributo de diversos especialistas, várias ciências, entre as quais se destaca a neurociência, e ainda pelos profissionais no terreno em conjunto com as famílias.

Analisando primeiramente a designação, encontramos os dois primeiros termos que nos indicam que tudo tem que começar no início - infância, e o mais cedo possível – precoce, quando alguma coisa

indica que algo pode não estar a correr bem no desenvolvimento de uma criança e é necessário intervir – intervenção- porque a família em causa o solicitou ou aceitou fazer parte de uma equipa, para todos juntos encontrarem as melhores soluções para aquela situação.

A ciência e mais especificamente a neurociência tem vindo a estudar o desenvolvimento da criança e tem demonstrado que até aos três anos, a criança se encontra no período ótimo de desenvolvimento, devido à neuro plasticidade do seu cérebro o que irá determinar a sua aprendizagem ao longo da vida. Esta neuro plasticidade do cérebro é fortemente condicionada pelas primeiras aprendizagens que a criança faz e pelos ambientes mais ou menos enriquecidos a que está exposta.

A neurociência investiga como é que o cérebro humano aprende e quais são as funções neurais envolvidas no processo de aprendizagem. Segundo Gonçalves et al. (2019, p.2) a aprendizagem resulta da reorganização que o cérebro realiza quotidianamente, pois, “aprender significa adquirir novos conhecimentos e comportamentos que irão modificar a estrutura física do cérebro para torná-lo mais funcional” Estes autores sublinham que os estímulos ambientais também fazem parte da aprendizagem e que estes estímulos. levam os neurónios a gerarem novas sinapses, tornando-as mais acentuadas.

E, igualmente importante, explicam, é o facto de a plasticidade cerebral atuar na estrutura e no funcionamento do cérebro, que também se modifica com as experiências e vivências dos indivíduos.

Já Sousa e Alves (2017, p.321, 322), ao aferirem da relação entre neurociência e o processo de aprendizagem, referem os termos de mediação, de interação constante e significativa. Também estes autores optaram pela definição de neurociência como a ciência que busca “entender como o cérebro aprende e como o mesmo se comporta no processo de aprendizagem”.

Baseados no pensamento de Lúria (1903-1978), estes autores realçam o cérebro como um sistema dinâmico em constante interação com o meio e cujas “funções mentais superiores são desenvolvidas durante a evolução da espécie, da história social, e do desenvolvimento de cada indivíduo”. Nesta característica reside o conceito de plasticidade cerebral.

Para Vygotsky, ainda analisado por estes autores, a aprendizagem é um aspeto necessário e fundamental para que as funções psicológicas superiores se estabeleçam.

Para Guerrero e Gonçalves (2008, p.29), “o sujeito relaciona-se com os aspetos culturais e sociais a partir do seu organismo, das possibilidades que a sua dimensão biológica lhe oferece desde o início”.

Compreende-se, então, que o cérebro humano é dinâmico, que estabelece sinapses cada vez mais profundas e mais abrangentes (plasticidade neural) e que a criança tem períodos mais propícios à aprendizagem. Esta acontece com a criança inserida e em interação com os seus contextos naturais,

beneficiando se estes forem enriquecidos, e em convivência com as figuras que lhe são significativas.

O Conselho Científico Nacional da Criança em Desenvolvimento (2007), citado por Serrano e Boavida (2011, p.4) apontam a genética e a experiência inicial de um indivíduo como elementos que determinam uma “base forte ou fraca para toda a aprendizagem, comportamento e saúde subsequentes”.

Estes autores chamam a atenção para “janelas de oportunidade” que se abrem “para o desenvolvimento de competências e adaptação de comportamento nos primeiros anos” que devem ser aproveitadas em todas as crianças, sobretudo nas que apresentam um desenvolvimento atípico.

Serrano, Pereira e Carvalho (2003) consideram que a par das aprendizagens mais formais e documentadas realizadas pela criança, em contexto de creches e jardins-de-infância, existem outras aprendizagens extremamente ricas que designaremos de informais, habitualmente feitas no seio da família.

Dunst (2001), citado pelas autoras supracitadas, refere que as experiências naturais de aprendizagem não funcionam de forma independente, logo não são estanques. Estas aprendizagens, ao contrário das formais, não estão documentadas e nem sempre são valorizadas.

A realização de uma atividade em família, por muito simples e comum que pareça ser, envolve várias interações, pelo que devem ser valorizadas. As rotinas familiares são muito ricas e devem assim ser em si o contexto para o trabalho de Intervenção Precoce na Infância.

Segundo Dunst (2010), ambientes naturais de aprendizagem do dia-a-dia e o envolvimento ativo e corresponsabilização da família são fatores de sucesso para aquisição de benefícios para as crianças. A ênfase nesta perspetiva permite a colaboração entre profissionais e pais, sendo que a família pode tomar decisões mais informadas (Almeida,2011).

Os serviços e apoios de IP devem considerar e acontecer nas rotinas da criança e nos seus ambientes naturais. O brincar é reconhecido como um importante meio de aprendizagem e “quando acontece inserido nas rotinas permite um sentimento de segurança à criança, libertando-a para que possa aprender mais” (Almeida, 2011, p.84).

O nível moderado da rotina, segundo Warren & Horn (1996), acontece juntando um elemento novo ao já previsível e torna-se num momento ideal para a aprendizagem de novas competências. Embora as rotinas façam parte da vida de todos McWilliam (2003), elas variam de indivíduo para indivíduo e de família para família. Por isso, torna-se necessário fazer uma avaliação individualizada de cada criança.

É importante que tanto famílias como educadores compreendam que as rotinas são momentos importantes de aprendizagem (Almeida,2011) e que, por isso devem ser potencializadas. Devido aos

acontecimentos próprios da vida, as rotinas são dinâmicas pois podem alterar-se (Almeida, 2011). Assim, a intervenção baseada em rotinas deve ser flexível e adaptar-se a todas as circunstâncias (Almeida, 2011).

## **1.2. Modelos teóricos subjacentes à Intervenção Precoce na Infância**

### **1.2.1. Modelo da Ecologia do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner**

O comportamento e o desenvolvimento humano pode ser explicado pela interação entre o sujeito ativo e o seu ambiente (Portugal, 1992).

Contudo durante muito tempo o “processo de interação sujeito - mundo não foi devidamente valorizado na ciência do desenvolvimento.

A perspetiva bio-ecológica proposta por Urie Bronfenbrenner é inovadora na relação biunívoca que propõe do desenvolvimento humano, enquanto dependente de um conjunto de variáveis proximais e distais que influenciam o indivíduo em desenvolvimento, propondo deste modo uma nova perspetiva - a bio-ecologia do Desenvolvimento Humano.

Esta perspetiva, resume segundo Portugal (1992), a interação mútua entre um “indivíduo ativo” e as “propriedades em transformação dos meios imediatos”.

Para Bronfenbrenner (1979, citado por Portugal 1992) o sujeito influencia os diferentes meios em que se move e é por eles influenciado.

Bronfenbrenner (1979, citado por Portugal 1992) propõe quatro níveis - o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema. O indivíduo em criança começa inserido no seu microsistema (família, escola, amigos), mas o seu desenvolvimento vai sendo influenciado de forma direta ou indireta por um conjunto mais alargado de sistemas, onde pode estar ou não, diretamente envolvido.

A teoria apresenta quatro aspetos interrelacionados: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. O processo refere-se a um padrão de interação estável e recíproco entre pessoas e seus ambientes; A pessoa que interage constantemente com seu contexto e é produto deste processo de interação; O contexto é o ambiente em que a pessoa está inserida e finalmente, o tempo em que a pessoa se desenvolve e as mudanças que nele ocorrem. Todos estes fatores determinam os resultados últimos do desenvolvimento do indivíduo. (Prati et al, 2008).

Para Bronfenbrenner (1979), que, neste estudo visitamos sobretudo pela mão de (Portugal, 1992), o

desenvolvimento integra a capacidade que o indivíduo adquire de ir encontrando estratégias para se adequar à realidade. Essas conquistas do sujeito têm que “persistir e evoluir ao longo do espaço e do tempo” para que possam responder ao que Bronfenbrenner, (1979, citado por Portugal, 1992) chama de “*developmental validity*”.

Consideramos que estas conquistas são mais evidentes, espontâneas, mais significativas e marcantes no contexto natural da criança pois é onde a criança passa mais tempo e onde ela desenvolve laços afetivos. A este ambiente, Bronfenbrenner (1979, citado por Portugal, 1992) chama de microssistema e é seguramente neste ambiente que criamos os vínculos mais profundos.

Dunst (2007) e McWilliam (2010), citados por Boavida, Aguiar e McWilliam (2018), consideram que as crianças têm dificuldade em aprender de forma descontextualizada e em generalizar as competências adquiridas a outros contextos.

Contudo, o autor considera também outros contextos experienciados pelos sujeitos, dependendo dos objetivos que se buscam compreender.

Para Bhering e Sarkis (2009, p.7), este modelo é especialmente importante na educação porque passa a considerar as pessoas inseridas nos contextos como “aspectos relevantes para os processos de desenvolvimento e aprendizagem da pessoa ao longo da vida”.

Sabemos hoje, através do contributo de várias ciências como Psicologia e Sociologia que o contexto em que se insere o indivíduo é importante no estudo do desenvolvimento humano.

A criança começa por interagir com as pessoas que lhe são próximas e vai alargando a sua rede conhecendo novas pessoas e novas situações. Para Bronfenbrenner (1979), citado por Bhering e Sarkis (2009), o desenvolvimento resulta das características do indivíduo, do contexto onde está inserido e do tempo em que está exposto às diferentes situações.

A participação do indivíduo em interações com complexidade crescente é importante e com “pessoas com as quais desenvolve apego forte, mútuo e irracional”. Bronfenbrenner (1989, p.47). E considera essencial que “haja padrões de trocas de informação estabelecidos e contínuos” entre os diversos contextos, além de “confiança mútua entre os principais ambientes nos quais as crianças e suas famílias vivem” Bronfenbrenner (1989, p.47).

O contexto principal da criança é a família, mas este contexto é influenciado por outros contextos que a criança frequenta.

Deste modo, as estruturas concebidas por Bronfenbrenner (1995) “não estão hermeticamente fechadas”. A perspetiva ecológica reconhece as diferentes estruturas como interrelacionadas e com influências mútuas. Uma mudança afetará todo o sistema que tenderá sempre para o equilíbrio.

(Delgado, 2009).

### **1.2.2. Modelo Transaccional de Sameroff & Chandler (1975)**

Desenvolvido por Sameroff & Chandler, este modelo considera que o desenvolvimento da criança é o resultado da "interação contínua, dinâmica e bidirecional entre a criança e a experiência fornecida pela família e o contexto social em que está inserida" (Xavier, 2008, p.120).

O desenvolvimento da criança é resultado de um conjunto de fatores que incluem as características da criança e dos seus cuidadores em vários momentos, as diferentes características do ambiente, em momentos diversos, em que a criança se insere, a acumulação de experiências, as marcas da passagem do tempo, a leitura que se faz destes indicadores.

Isto é, as oportunidades e riscos de uma criança relacionam-se com as características individuais dessa criança e dos contextos em que está inserida.

Quanto mais ricos forem os contextos que a envolvem, melhor será o seu desenvolvimento.

Como referem Garbarino e Abramowitz, 1992, citados por Xavier (2008, p. 121), "os riscos estão relacionados quer com ameaças diretas, quer com a ausência de oportunidades para o desenvolvimento".

Xavier (2008) sugere que é urgente pensar a criança, a família e os contextos de desenvolvimento mais alargados. A sociedade deverá então "investir na prevenção, na ênfase sobre os pontos fortes e na robustez das famílias".

### **1.2.3. Teoria Sistémica**

A Teoria Geral dos Sistemas surgiu com o biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy, que publicou os seus trabalhos entre 1950 e 1968.

Esta teoria considera que um sistema é constituído por um conjunto de elementos interdependentes em interação que compõem um todo organizado e, no caso de ser um sistema aberto, interage com o seu ambiente.

A família é também considerada "como um todo sistémico onde se estabelecem relações entre os seus membros e o meio exterior" (Dias, 2011, p.141).

Dias (2011, p.141) refere-se à família como um sistema dinâmico que desempenha "funções importantes na sociedade, como sejam, por exemplo, o afeto, a educação, a socialização". A família

“contribui para a construção de soluções integradoras dos seus membros no sistema como um todo”. Esta perspectiva sistêmica da família “acentuou um enfoque cada vez maior na família, situando-a num sistema amplo e complexo de interações e influências” (Pereira, 2009, p.27) que tem a sua base na comunidade em que está inserida.

Para que seja adotada uma perspectiva sistêmica, é necessária uma abordagem transdisciplinar pois só este tipo de abordagem irá permitir “cuidar da criança (e família) como uma globalidade”, vendo a “criança complexa, com o seu contexto”.

Deste modo “permite cuidar da criança no seu todo, criança-família-contexto”, assumindo a intervenção “uma perspectiva global, sistêmica, contextual ou ecológica da Pessoa” (Franco, 2007, p.120).

#### **1.2.4. Modelo do suporte social de Dunst**

Dunst e Trivette (1990) visitados por Ribeiro (1999, p.548), distinguem duas fontes de suporte social: informal e formal. O suporte informal é constituído por familiares, amigos, vizinhos, comunidade onde o indivíduo está inserido.

As redes de suporte social formal abrangem hospitais, programas governamentais, serviços de saúde e profissionais, por exemplo, médicos, assistentes sociais, psicólogos que prestam assistência às pessoas que necessitam.

Martins, Freitas, Carvalho e Pascoinho (2018, p.487) salientam que Dunst (2002) considera que os programas de IPI para terem sucesso devem conter alguns princípios, entre os quais “valorizar o sentido de comunidade, partilhando valores e necessidades comuns; respeitar crenças e valores na família; mobilizar recursos e apoios, construindo sistemas de suporte formais e informais”.

## **2. AVALIAÇÃO AUTÊNTICA CENTRADA NA FAMÍLIA**

Tendo por base também estes princípios desenvolvidos por estes dois modelos, a Intervenção Precoce na Infância vê a criança como indivíduo integrado na família e noutros contextos naturais pois só nestes contextos, a criança revela as suas conquistas e as suas dificuldades.

A família “é entendida como fator e contexto central no processo de desenvolvimento infantil e, por isso, elemento fundamental da intervenção” (Franco, 2009, p.2)

A forma como hoje se trabalha em Intervenção Precoce na Infância acompanha a investigação que tem surgido nesta área, ou seja, “o trabalho centrado na família, os contextos e rotinas naturais da família e da criança, a funcionalidade e a transdisciplinaridade” Boavida, Aguiar e McWilliam (2018, p.9)

Espe-Sherwindt et al. (2017, p.123) consideram que “o desenvolvimento da criança ocorre no contexto do seu envolvimento em relações significativas com figuras de referência” que por responderem às suas necessidades imediatas se tornam únicas. Estas figuras são geralmente a sua família.

A abordagem centrada na família é um conceito que já vem dos anos 50, como notam Pereira e Serrano (2010), e refere-se ao serviço e apoio que é prestado a famílias cujas crianças beneficiam desta abordagem e reconhece o papel essencial que a família tem no desenvolvimento da sua criança e no respeito que merecem as suas decisões.

Durante longo tempo, considerou-se a família como sendo menos importante, menos conhecedora e até fonte de problemas. Contudo, na maioria dos casos e especificamente nas situações acompanhadas pela Intervenção Precoce na Infância, a família é quem conhece melhor a criança, quem se relaciona com ela e quem melhor sabe das suas necessidades.

A família tem grande influência no comportamento da criança e revela-se como uma forte estratégia para levar as crianças a adquirirem novas competências, descrevem Pinto e Serrano (2015, p.1). De acordo com estas autoras, o apoio prestado, no terreno, pelos profissionais aos pais destas crianças é sobretudo um apoio domiciliário e que visa ajudar a família a “compreender, reconhecer e utilizar com os seus filhos as oportunidades de aprendizagem”.

Deste modo, os técnicos da IPI devem fazer uso de estratégias e técnicas no sentido de promoverem e facilitarem o envolvimento e a participação das famílias nos progressos da criança.

Pinto e Serrano (2015), invocando estudos anteriores, reconhecem que a participação das famílias depende de fatores pessoais e contextuais e que este tópico precisa ainda de mais investigação em Portugal para perceber até que ponto a participação das famílias nas Equipas Locais de Intervenção (ELI) é real e eficaz.

Um melhor conhecimento da realidade em Portugal no que concerne ao envolvimento da família contribuiria para guiar os profissionais e ajudar a encontrar e aprimorar estratégias para envolver ainda mais as famílias.

Anteriormente, nos anos sessenta, era usado, sobretudo, o modelo médico que se focava nos deficits e nas patologias, ignorando o contexto psicossocial e cultural onde a criança se insere, o que não promovia a família, o seu conhecimento e a sua decisão, considerando-a pouco capaz.

Os técnicos detinham o conhecimento e pouco espaço era deixado para a decisão da família.

Como salientam Pereira e Serrano (2010, p.4), esta é uma abordagem mais exigente para os profissionais, pois exige continuamente uma reflexão sobre o seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional, em que devem “clarificar, definir, e refletir sobre um conjunto de práticas efetivas que se traduzem na forma como escutam as famílias, como as respeitam e caracterizam, como os serviços e apoios são obtidos/prestados, como as reuniões são conduzidas”.

Esta atenção dada às famílias torna-as mais confiantes, mais colaborantes, corresponsabilizando-as e tornando-as mais persistentes e ativas na busca das melhores soluções para a sua situação.

Em relação ao papel desempenhado pela família, também Espe-Sherwindt et al. (2017, p.122 e 123) defendem que “o seu envolvimento e participação no processo de apoio em Intervenção Precoce na Infância (IPI) é uma componente essencial para o respetivo sucesso, e uma chave no percurso para a inclusão educativa e social da criança”.

Seguindo a linha de pensamento destas autoras, numa abordagem centrada na família em Intervenção Precoce na Infância (IPI), as perceções e experiências das famílias são parte integrante das práticas de IPI”.

Para Gronita (2012), trata-se de fortalecer as famílias para lidarem com a situação problemática que estão a vivenciar, respeitar a sua cultura para que a intervenção não se torne uma fonte de stress.

A abordagem centrada na família está incluída nas recomendações nacionais e internacionais para Intervenção Precoce na Infância.

A adesão e participação da família são essenciais para o sucesso da intervenção, mas para que essa adesão seja efetiva, a família deve sentir que efetivamente a sua opinião e os seus sentimentos são respeitados e são realmente o centro de todo o plano.

Os profissionais devem saber mediar e dar a estas famílias orientações e tempo e espaço para que possam tomar uma decisão esclarecida do caminho a tomar.

Ajudar as famílias a compreender quais são as suas preocupações e expectativas, contribui para construir uma relação de confiança e autoajuda entre toda a equipa, da qual a família faz parte, o que

colaborará para um apoio desejado e efetivo.

Estas autoras do seu estudo concluem, tal como nós a partir do testemunho recolhido dos profissionais das ELI'S, que as famílias reconhecem a importância da identificação das redes de suporte – formal e informal – nas suas vidas e das suas crianças.

## **2.1. Ecomapa**

O Ecomapa pode revelar-se um instrumento valioso para uma melhor identificação das redes formais e informais que envolvem a família.

Desenvolvido em 1975 por Ann Hartman para ajudar o trabalho dos Assistentes Sociais nos EUA, Agostinho (2007, p.327), define este instrumento como “uma representação gráfica das ligações de uma família às pessoas e estruturas sociais do meio em que habita, desenhando, poderíamos assim dizer, o seu «sistema ecológico»”.

Serrano (2019), explica que tradicionalmente, os profissionais e as práticas focavam exclusivamente a criança, mas, com o tempo, compreendeu-se que o foco tinha que estar também na família e, mais recentemente, que a intervenção teria que abranger igualmente a comunidade onde a família está inserida.

Como sublinha esta autora, a família alargada e outros atores como vizinhos e amigos ajudam os pais nas suas tarefas parentais, providenciando suporte com que estes sabem que podem contar.

Conceitos como sistema de apoio social e rede de apoio social são, agora, centrais em diversas áreas, nomeadamente em IP

A existência deste tipo de apoio ajuda as famílias nos acontecimentos do seu quotidiano, nomeadamente nos acontecimentos que lhes provocam stress.

O título deste artigo, “sei que possa o contar com...” traduz uma expressão muito usada pelas famílias e que é sinónimo do conforto que sentem quando sabem que existe elementos de apoio nas suas redes, mesmo que nem sempre os utilizem.

O ecomapa é o instrumento que ajuda as famílias a tomarem consciência da presença destes apoios, da forma como estão distribuídos e dos seus sentimentos face aos mesmos.

Este instrumento auxilia as famílias a organizarem ideias e a compreenderem que existem forças que podem cooperar para que alcancem os seus objetivos.

Pierce et al. (1996), citados por Serrano referem que o apoio social pode ajudar a família a lidar com algum acontecimento causador de stress.

Com este apoio, a família sente-se apoiada e pertencente a uma comunidade que estará na retaguarda e que poderá ser acionada sempre que necessário.

Focando-se especificamente no Ecomapa, Serrano (2019) neste artigo especifica que qualquer elemento da equipa o pode utilizar, sendo um instrumento que será utilizado considerando sempre o envolvimento ativo da família.

Segundo (Pierce et al., 1996), citado por Serrano (2019), “as relações de apoio referem-se às expectativas que um indivíduo tem acerca do modo como outros indivíduos irão reagir no caso da sua ajuda vir a ser necessária”.

Também Dunst, Trivette & Deal (1988, p.28), neste estudo consideram o apoio social como sendo “a ajuda e apoio emocional, física, informativa, instrumental e material prestados por outros com o objetivo de preservar a saúde e o bem-estar, de promover adaptações a acontecimentos do dia-a-dia e de estimular o desenvolvimento de uma forma adaptativa”.

O ecomapa permite, assim, às famílias consciencializarem-se das pessoas que existem à sua volta e refletirem sobre o que podem esperar de cada uma. De acordo com Agostinho (2007), e sintetizadas por Serrano (2019) as vantagens no uso do ecomapa são: “resumir e representar informação importante sobre a família e o seu meio num formato gráfico de fácil visualização e leitura por qualquer um dos elementos envolvidos no processo; ilustrar a natureza e o impacto das relações da família com o meio, permitindo verificar se são fonte de suporte ou não suporte; uma melhor compreensão das situações geradoras de stress e dos recursos disponíveis para responder a necessidades que identificamos com a família; uma consistente base de informação para planear, com o envolvimento da família, as decisões de intervenção; observar o progresso e resultado das medidas de intervenção, quer sobre a família, quer sobre a comunidade; Integrar, de uma maneira prática, os valores e os conceitos da Teoria Sistémica e mostrar o seu valor no trabalho com famílias em IPI.

Mello et al. (2005, p.82) considera que o ecomapa “fornece uma visão ampliada da família” pois mostra as ligações que aquela família tem com o mundo e com a sua comunidade, que se constitui como um recurso. Estes autores consideram que o instrumento “ajuda a avaliar os apoios e suportes disponíveis e sua utilização pela família”

Há várias formas de construir o ecomapa mas todo o processo deve procurar evidenciar as fontes de suporte que envolvem a família e a criança (Almeida,2011).

Este instrumento e outros que venham a ser usados, como é indicado no Guia para Profissionais, devem ser utilizados para ajudar a família a construir um plano de intervenção com o qual ela se identifique e se sinta confortável para utilizar.

O Ecomapa deverá ser usado de forma adequada para que a família não sinta este e os outros instrumentos como intrusivos.

## **2.2. EBR**

O Guia para Profissionais - Práticas Recomendadas em Intervenção Precoce na Infância (p.134) define a Entrevista Baseada nas Rotinas como uma “entrevista semiestruturada relativa ao funcionamento da criança e da família em rotinas diárias “que terá como objetivo principal encontrar os objetivos funcionais e os resultados que se pretendem atingir e que, construídos em conjunto com a família, ajudarão a estreitar a ligação entre a família e os técnicos e a construir uma relação de confiança.

Os objetivos funcionais para a criança deverão ir de encontro às suas necessidades de participação ou envolvimento, independência e relações sociais (Almeida,2011).

A EBR irá permitir o registo das observações que a família faz da criança ao longo do tempo e em diversos contextos e com as diferentes pessoas com quem se relaciona.

Este registo ajudará a família a refletir e a tomar consciência das suas rotinas e a identificar os aspetos que sente como satisfatórios e os que carecem de ser melhorados.

De acordo com (McWilliam, 2010), citado por este Guia, a EBR permitirá identificar objetivos funcionais tendo como foco a criança e as suas necessidades “de envolvimento e participação, independência” e as suas relações sociais; traduzir as prioridades da família no plano de intervenção; aprimorar os objetivos para que sejam abrangentes (possam ser analisados de várias formas) e simultaneamente específicos, de forma a não permitir a dispersão; encontrar as estratégias e as ações adequadas ao problema funcional; alargar a intervenção a outros cuidadores da criança, além da família.

Tudo isto, valorizando sempre a família e os seus pontos fortes e competências.

## **2.3. PIIP**

O PIIP é o Plano Individual de Intervenção Precoce e é o documento onde a equipa (família e profissionais), reunindo a informação que partilharam, irão reunir objetivos, estratégias, atividades e recursos que melhor se adequem às expectativas da família e ajudem ao desenvolvimento e participação da criança.

A investigação aponta a necessidade de colaboração entre a família e os profissionais, que permitam estabelecer relações que colaborem para “alcançar resultados e metas mutuamente acordados que

promovam as competências da família e favoreçam o desenvolvimento da criança”. (DEC, 2014).

Isto “supõe a existência de um conceito de equipe mais forte, estruturado e dinâmico” (Franco, 2007, p.117) que utilize um modelo transdisciplinar. A equipa responsável deve definir “um plano integrado, em que a família é igualmente chamada a participar, que tem em conta a globalidade das necessidades e dos recursos, e em que as prioridades são definidas em função da própria criança e família” (Franco, 2007, p.117; Cossio, Pereira, Rodriguez, 2018, p.12).

Neste sentido é recomendado que “profissionais que representam várias disciplinas e famílias devem trabalhar juntos como uma equipe para planear e implementar apoios e serviços para atender às necessidades exclusivas de cada criança e família” (DEC, 2014)

## **2.4. Dificuldades**

Por tudo o que já foi dito, compreendemos que a criança aprende em interação com o ambiente em interações que se repetem, em diferentes contextos naturais e com figuras que lhe são próximas e significativas.

Como dizem Boavida, Aguiar e McWilliam (2018, p.10), baseados na definição de Dunst (2007), são os cuidadores próximos da criança quem realiza a intervenção mais específica e que poderá ter resultados mais imediatos e visíveis. Torna-se, então, necessário que técnicos, família e educadores colaborarem para que se atinjam os objetivos com a criança.

Contudo, na prática surgem algumas dificuldades que estes autores chamam de “uma cultura de trabalho independente por parte dos diferentes profissionais” e ainda o facto de muitos educadores não conhecerem os instrumentos e, na nossa perspetiva, o trabalho da Intervenção Precoce na Infância.

### **3. METODOLOGIA**

Neste capítulo são apresentados os procedimentos metodológicos adotados na realização deste estudo, desde o uso de uma abordagem qualitativa, até ao desenho metodológico que engloba os participantes, o instrumento de recolha de dados, recolha de dados e a forma de apresentação resultados.

#### **3.1. Abordagem metodológica**

Dada a natureza deste estudo adotou-se uma investigação qualitativa. Segundo Bogdan e Bikden (1994) citados por Martins (2006) a investigação qualitativa assenta em cinco pilares:

- a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador o instrumento principal da recolha de dados;

O investigador desloca-se, sempre que possível, ao local em estudo, de forma a observar e compreender melhor o comportamento do investigado.

- os dados recolhidos são de carácter descritivo;

Na investigação qualitativa os dados são obtidos através de fotografias, vídeos, notas de campo, entrevistas... isto é, através de palavras e imagens.

Assim, numa investigação qualitativa, a palavra reveste-se de grande importância no registo dos dados bem como na divulgação de resultados (Couto, 2014).

- nas metodologias qualitativas o investigador interessa-se pelo processo em si para chegar aos resultados da investigação utilizando métodos de aprofundamento das questões em estudo;

Neste estudo pretende-se conhecer qual o contributo da EBR e do Ecomapa na construção do PIIP, não nos interessa saber qual o resultado do PIIP.

- a análise dos dados é feita de forma indutiva;

Na metodologia qualitativa a análise dos dados é semelhante a um funil: as coisas estão abertas no início (topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas à medida que o trabalho é desenvolvido (Bogdan & Biklen, 1994, citados por Captivo, 2018).

- o principal interesse do investigador é tentar compreender o significado que os participantes

atribuem às suas experiências.

Segundo Couto (2014), um investigador qualitativo preocupa-se em apreender as perspetivas dos participantes e desse modo, a investigação foca-se na dinâmica interna das situações, que é muitas vezes invisível para o observador exterior. Os investigadores questionam os sujeitos da investigação, com o intuito de perceber “aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem” (Psathas (1973), citado por Couto (2014)).

Para Merriam (1988), citada por Martins (2006), numa metodologia qualitativa os intervenientes não são reduzidos a variáveis isoladas, mas vistos como um todo no seu contexto natural. Isto é, os dados de natureza qualitativa são obtidos no contexto natural onde se insere o interveniente.

Nos métodos qualitativos o investigador deve estar completamente envolvido no campo de ação dos investigados, pois este método assenta em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes (Bogdan e Taylor, 1986, citado por Martins, 2006, p. 69).

### **3.2. Questão de investigação**

Dada a natureza qualitativa deste estudo, a questão de investigação que pretendemos estudar é:

“Qual o contributo da EBR e do Ecomapa na construção do PIIP e na avaliação autêntica centrada na família”

### **3.3. Objetivos do estudo**

A partir da questão de investigação, foram explanados vários objetivos, que passamos a apresentar:

1. Caracterizar do ponto de vista sociodemográfico o elemento entrevistado de cada ELI
2. Caracterizar sucintamente as ELI'S quanto aos elementos que integram as equipas
3. Conhecer sumária e genericamente o processo de intervenção precoce na infância com uma família
4. Conhecer o papel da família no processo de intervenção precoce na infância do ponto de vista

da ELI

5. Caraterizar o uso da entrevista baseada em rotinas e do Ecomapa pelas ELI'S

### 3.4. Participantes

A escolha dos participantes deste estudo foi feita de forma intencional, e, como os objetivos se prendem com as equipas locais de intervenção, os mesmos foram eleitos a partir das ELI'S existentes na região norte de Portugal. Com a finalidade de melhor caraterizar o uso da EBR e do Ecomapa pelas ELI'S da região Norte foram seleccionadas 6, que constituem a nossa amostra, cuja localização geográfica se estende do litoral ao interior. Dada a elevada discrepância na densidade populacional entre o litoral e o interior, observa-se que o número de equipas existentes no litoral é bastante superior ao do interior (Figura 1). A contagem do número de equipas existentes foi feita atendendo ao número de coordenadores distintos. Nos distritos do litoral foram contabilizadas 30 equipas, e no interior apenas 9. Desta breve análise pudemos observar que as equipas localizadas no interior dão apoio a famílias de vários concelhos, o que as obriga a grandes deslocações.

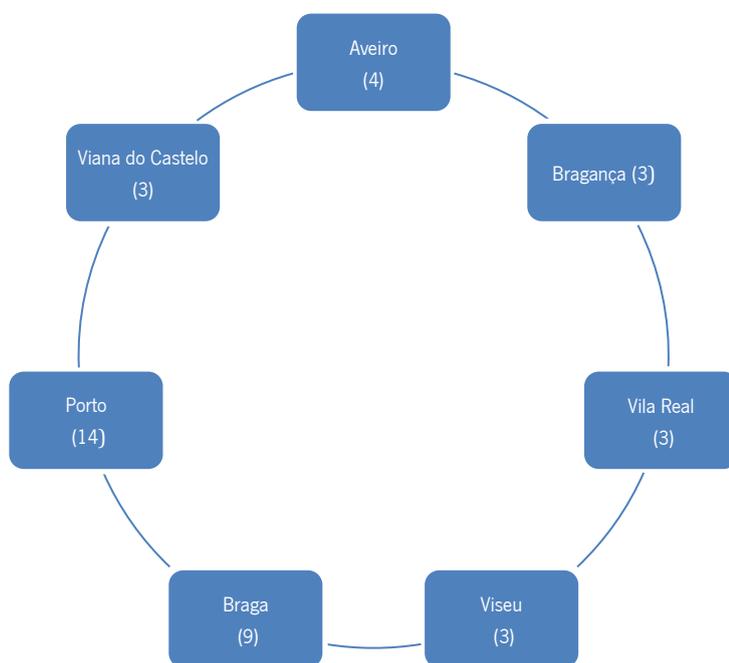


Figura 1. Distribuição geográfica das ELI'S da região norte de Portugal

Fonte: Elaboração própria a partir da informação do SNIPI

### **3.5. Procedimentos de Recolha de dados**

Como já mencionado, este estudo é de natureza qualitativa, pelo que o instrumento de recolha de dados adotado foi a entrevista semiestruturada.

Segundo Meirinhos e Osório (2010) citados por Couto (2014) a entrevista é uma interação verbal que ocorre entre pelo menos duas pessoas. Por solicitação do entrevistador, o entrevistado fornece informações, que ao serem sistematizadas e interpretadas permitem extrair conclusões sobre o estudo em causa.

As entrevistas variam quanto ao seu grau de estruturação desde entrevistas estruturadas às entrevistas não estruturadas, sendo que as semiestruturadas estão situadas num nível intermédio.

Numa entrevista estruturada é elaborado um guião constituído por diversas questões, dentro do assunto em estudo. No momento da realização da entrevista, o entrevistador segue de forma fiel o guião por ele elaborado.

Numa entrevista não estruturada a recolha de informação é feita com base numa conversa informal, não existindo um guião de perguntas, mas, o entrevistador deve seguir uma linha de raciocínio dentro da temática em estudo.

Assim, as entrevistas realizadas permitiram que o contacto com os participantes fosse mais próximo.

Em particular, na deslocação ao interior Norte, a autora deste estudo, foi confrontada com um calor abrasador, com a distância que teve de percorrer, com a baixa densidade populacional em que se percorrem quilómetros na autoestrada sem se ver uma casa... Assim, tomou consciência da diferente realidade em que as ELI'S exercem a sua linha de ação...

Também em forma de desabafo, os entrevistados das ELI'S do interior norte, mencionaram que têm de se deslocar ao litoral para frequentarem formações específicas/certificadas ficando os custos inerentes a deslocações, alojamento e alimentação ao seu próprio encargo.

Tudo isto só foi proporcionado pela realização das entrevistas semiestruturadas.

#### **3.5.1. Guião da entrevista**

O guião da entrevista foi elaborado de forma a alcançar os objetivos da investigação inicialmente propostos, sendo um instrumento facilitador da conversa que proporcionou a recolha de dados e facilitador do tratamento dos mesmos.

No guião (Anexo II) elaborado podemos considerar três partes:

- caracterização do entrevistado;
- caracterização da ELL;
- utilização do Ecomapa e da EBR.

As questões deste guião de entrevista foram todas elaboradas pela autora deste estudo, tendo sido validadas pela orientadora

As entrevistas foram realizadas entre maio e julho pela investigadora, de forma presencial, nalguns casos à distância, conforme pedido / conveniência do elemento da ELL entrevistado.

A autora deste estudo, optou por ir registando por escrito as respostas dadas pelo entrevistado.

Posteriormente, todas as entrevistas foram transcritas e enviadas de novo a cada entrevistado, para que as pudesse ler e corrigir caso algo não estivesse correto.

### **3.6. Procedimentos da ética da investigação**

Em todo o estudo foram acautelados os procedimentos normais num processo de investigação, nomeadamente o consentimento informado dos participantes sendo garantida a sua confidencialidade.

Rosa e Arnodi (2006) citados por Pego (2014) referem que muitos investigadores consideram que para além do consentimento informado os participantes de um estudo qualitativo, devem:

- concordar em participar no estudo tendo pleno conhecimento dos fatos
- ter conhecimento das questões que vão ser colocadas
- ter conhecimento dos objetivos do estudo

Para além disto, o investigador deve esclarecer junto dos entrevistados o local da entrevista, duração da mesma, número de encontros, forma de registo da entrevista, preservação da identidade, importância da veracidade e rigor das respostas dadas.

Deste modo, foi pedida uma autorização ao Sistema Nacional de Intervenção Precoce (SNIPI) para a realização das entrevistas, tendo sido dado um parecer positivo. Posteriormente e antes deste trabalho se ter iniciado, o SNIPI informou as Equipas que o presente estudo iria efetuar-se, enviando para as Equipas o guião de entrevista e o documento de consentimento informado.

A primeira entrevista foi gravada e transcrita, sendo que as seguintes entrevistas foram sendo registadas pela investigadora por mútuo acordo com os participantes.

Posteriormente, o registo das entrevistas, feito pela investigadora, foi revisto e validado pelos participantes.

### **3.7. Tratamento dos dados**

A análise e apresentação dos dados não é feita de forma individual, mas sim no conjunto das seis entrevistas realizadas, tendo-se focado nos aspetos comuns às Elis, mas também, em analisar as diferenças entre elas, com especial relevância no que concerne à utilização dos instrumentos Ecomapa e da EBR.

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 4.1. Caracterização Sociodemográfica do respondente da ELI

Este estudo tem como objetivo conhecer/caraterizar as ELI'S da Zona Norte. Para tal, recolheu-se através de um inquérito por entrevista, informação relativa a 6 destas unidades, que serão designadas por E1, E2, E3, E4, E5 e E6, sempre que tal se justifique.

De seguida faremos uma breve caraterização sociodemográfica do Elemento da ELI que foi entrevistado.

A idade de 5 dos entrevistados está compreendida entre os 44 e os 54 anos, e o outro tem idade compreendida entre 33 e 43 anos.

Quanto à formação inicial, Figura 2, contabilizou-se um enfermeiro, um terapeuta da fala e 4 educadores de infância.

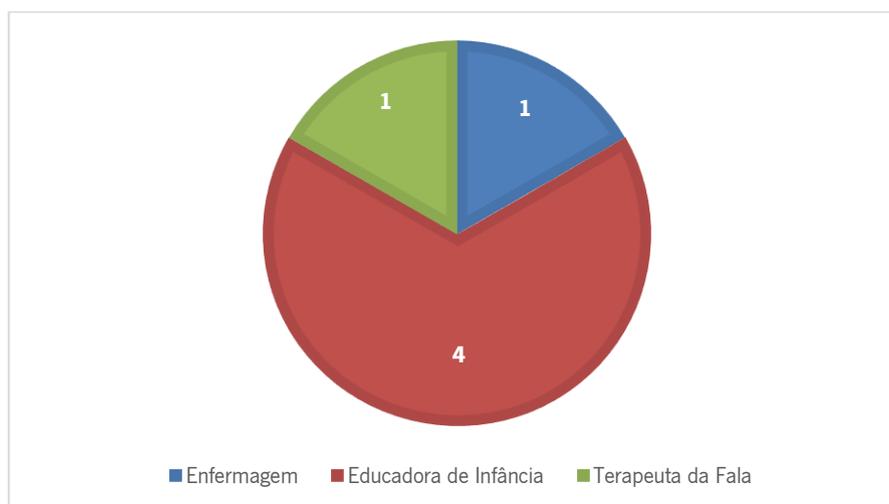


Figura 2. Formação inicial do entrevistado

Dos 6 entrevistados 5 afirmaram ter formação em Intervenção Precoce na Infância, destacando-se formações contínuas ministradas pela Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, Mestrado e/ou Doutoramento na área de Estudos da Criança da Universidade do Minho ou pós-graduação em Educação Especial. Há também que mencione formações ministradas pelo SNIPI. Apenas um dos entrevistados refere não ter formação específica, mas ter realizado formação contínua em IP.

Quanto ao tempo a que trabalham em ELI'S, 4 entrevistados mencionaram entre 11 a 15 anos, um entrevistado mais de 15 anos e um exerce funções entre 1 a 5 anos (Figura 3).

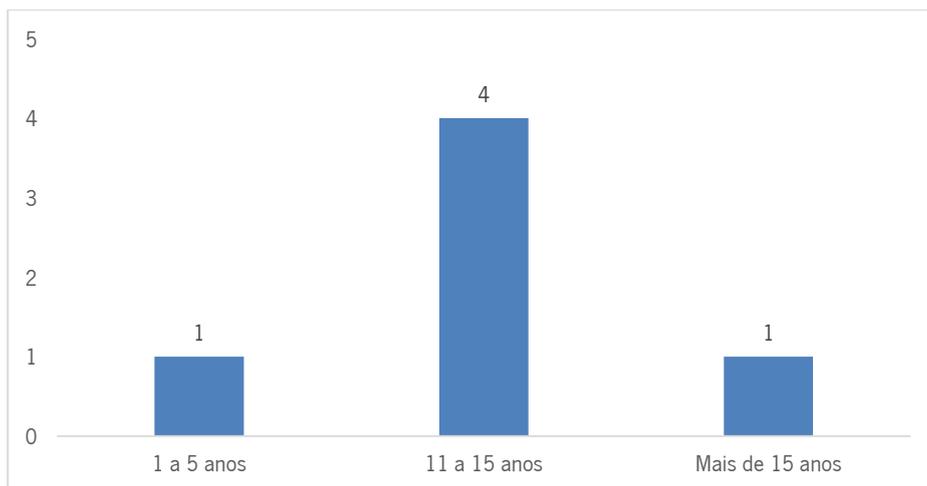


Figura 3. Tempo a que trabalha em ELIS

Dos 6 entrevistados 5 trabalharam em Intervenção Precoce na Infância antes do Decreto-Lei 281/2009. O número de anos indicado varia entre 1 e 6 anos, sendo a moda 3 anos (Figura 4).

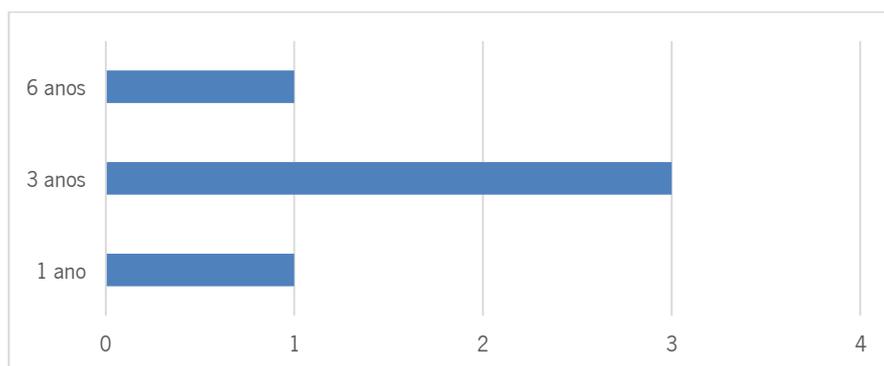
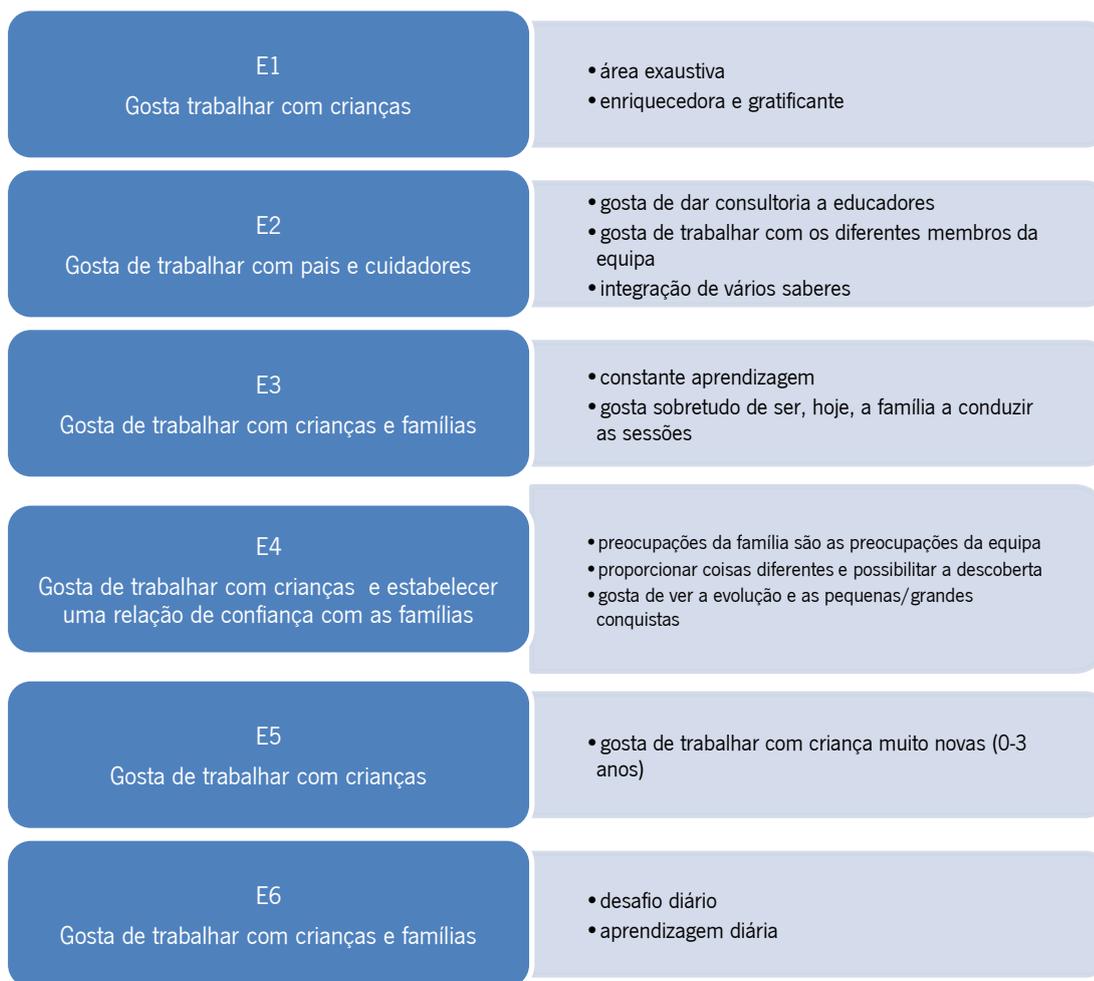


Figura 4. Número de anos em que trabalhou em IP antes do Decreto-lei 281/2009

Todos os entrevistados mencionaram gostar de trabalhar da área da IP, e na Figura 5 apresentamos alguns dos motivos por eles apresentados. De notar que são apresentados motivos dos seis entrevistados.

Em todos ressalta o gosto em trabalhar com crianças e famílias. É uma área exaustiva, que exige uma aprendizagem constante e se torna num desafio diário e, há quem refira ser uma área enriquecedora e gratificante, e também quem refira que gosta de ver a evolução e as pequenas/grandes conquistas das crianças e das famílias.



*Figura 5. Razões pelas quais gostam de trabalhar na área da IP*

## 4.2. Caraterização da equipa

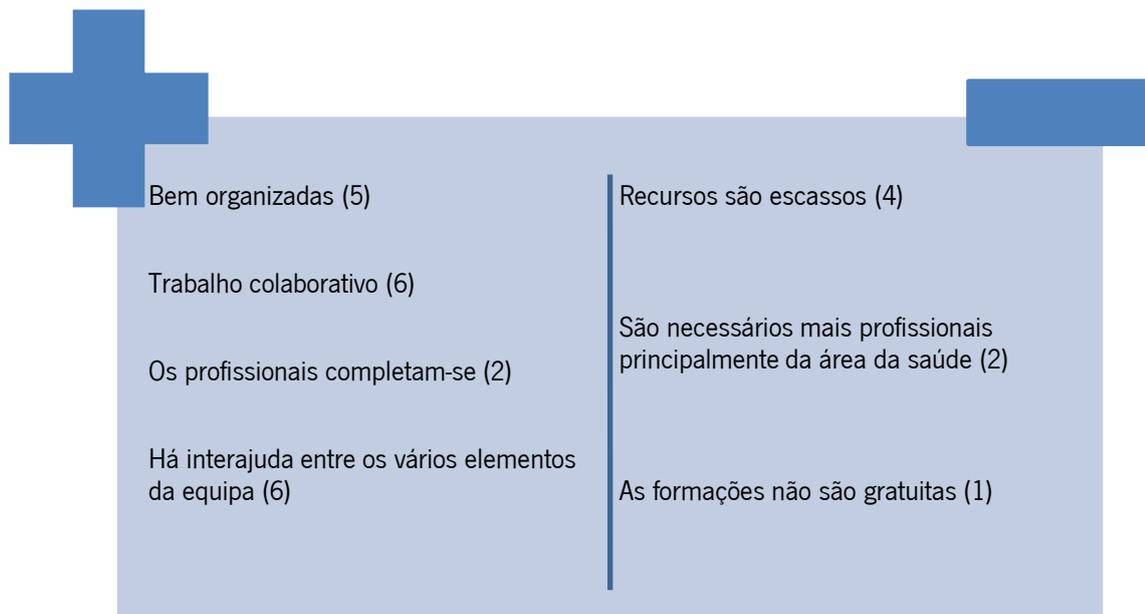
Nas 6 equipas de IPI que participaram neste estudo, verificou-se uma constituição muito variável quanto aos profissionais que as compõem, e como tal, optamos por contabilizar quantas delas possuem os diferentes profissionais que geralmente compõem as equipas (Tabela 1). Assim, todas as equipas têm educadores de infância (o número de educadores variou entre 2 e 6). Há 5 equipas que possuem enfermeiros e também 5 equipas possuem psicólogos. Há 4 equipas que têm assistentes sociais, 3 equipas têm terapeutas ocupacionais, 3 equipas têm fisioterapeutas e três equipas têm terapeutas da fala. Há ainda equipas que têm um professor do 1º ciclo, técnicos e uma tem médico.

*Tabela 1. Elementos constituintes das 6 equipas*

Elementos da equipa	Número de equipas que têm este elemento
Enfermeiro	5
Psicólogo	5
Assistente Social	4
Terapeuta ocupacional	3
Fisioterapeuta	3
Terapeuta da fala	3
Educador de Infância	6
Professor do 1.º ciclo	1
Técnico Psicomotricista	1
Médico	1

Alguns dos entrevistados, acrescentaram que muitos dos seus elementos só integram a equipa em regime parcial, ou seja, estão dedicados algumas horas por semana à equipa. Os elementos que mais contribuem, em carga horária, são os Educadores de Infância.

Relativamente à organização e funcionamento da equipa (Figura 6), praticamente todos os entrevistados referem que estão bem organizadas (5 das 6 equipas), no entanto um referiu que “a organização e constituição das equipas fica um pouco complicada porque os elementos são tutelados por Ministérios diferentes, com orientações diferentes”. Todos enaltecem o trabalho colaborativo e interagido entre os vários elementos da equipa. Foram apontados alguns aspetos menos positivos, como a escassez de recursos quer materiais quer humanos (4 das 6 equipas), sendo necessária a integração de mais elementos principalmente da área da saúde (2 das 6 equipas). Também foi apontado como um ponto negativo as formações não serem gratuitas e serem no litoral (1 das 6 equipas).



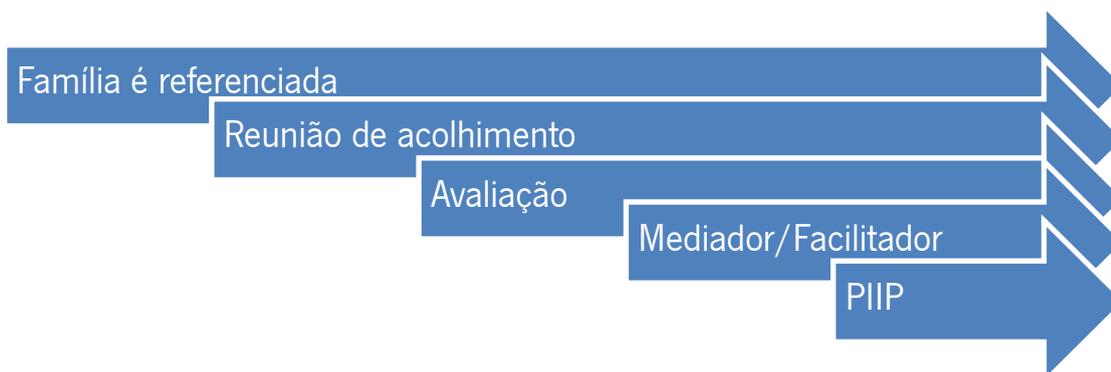
*Figura 6. Organização e funcionamento da equipa*

Ainda sobre a forma como a equipa desenvolve o seu trabalho foi sugerido na E1 que “a avaliação possa ser cada vez mais no contexto natural de vida da criança e que não seja baseado no modelo terapêutico. Que seja a equipa a ir ao encontro da família, aos contextos naturais de vida”. Outro entrevistado (E2) referiu que é necessário “... melhorar a aquisição de material de estimulação adequado para as avaliações na sede da ELI. O que dispomos são dádivas dos profissionais da ELI”. E outro (E4), “Gostaria que houvesse uma sede onde estivesse tudo concentrado. Deveria haver formação com os profissionais titulares”.

### **4.3. Processo de Intervenção precoce na infância com uma família**

No seguimento da entrevista, foi pedido que descrevessem de forma sumária e genérica o processo de IPI com uma família. Neste âmbito, obtiveram-se respostas muito detalhadas e outras muito pouco detalhadas, tendo-se elaborado o esquema apresentado na Figura 7 de forma a resumir o processo.

O primeiro momento é a Referenciação da família, sempre com o conhecimento desta, e que pode ser feita pela própria família, cuidador, médico, professor, ama...De seguida há uma reunião de acolhimento entre alguns membros da equipa e a família, para posteriormente ser feita a avaliação. Aqui, pretende-se conhecer as preocupações da família e as suas necessidades. Posteriormente, a equipa define quem será o mediador/facilitador de caso e transformam-se as preocupações da família em objetivos construindo o PIIP.



*Figura 7. Processo de Intervenção Precoce na Infância*

#### **4.3.1. O papel da Família (pergunta 7, 8, 9, 10)**

O processo de intervenção precoce na família sendo desencadeado pelas famílias, torna-as o centro de toda a intervenção (Figura 8). Assim, todas as ELI'S consideram a família como um elemento da equipa, pois é delas que veem as preocupações e as necessidades. Todo o plano de intervenção é decidido com a família e esta tem sempre a última palavra. Segundo E1 "... os objetivos são construídos com a família. Podem alterar o PIIP sempre que considerarem necessário..."

De acordo com E2: "A família é o elemento principal para se efetuar o PIIP. Sem o envolvimento da família a intervenção não pode surtir efeito..." e ainda "... a família, ..., é quem refere as necessidades, prioridades, recursos disponíveis, identificando também as suas expectativas relativamente à criança e intervenção".

E6 mencionou também que "...respeitamos as decisões das famílias. ... Quem tem de mencionar as preocupações é a família e de acordo com as preocupações referidas são definidos os objetivos. Se a família não considerar algumas coisas como preocupações não serão objetivos, ela não os irá trabalhar."

É transversal a todas as equipas entrevistadas que o objetivo da intervenção é capacitar a família para melhor intervir junto das suas crianças. Segundo E6, "Nós não estamos na família para o resto da vida. ...A partir do momento em que a família é capaz de tomar decisões de forma autónoma e os objetivos estão cumpridos, deixa de haver preocupações e a equipa sai".

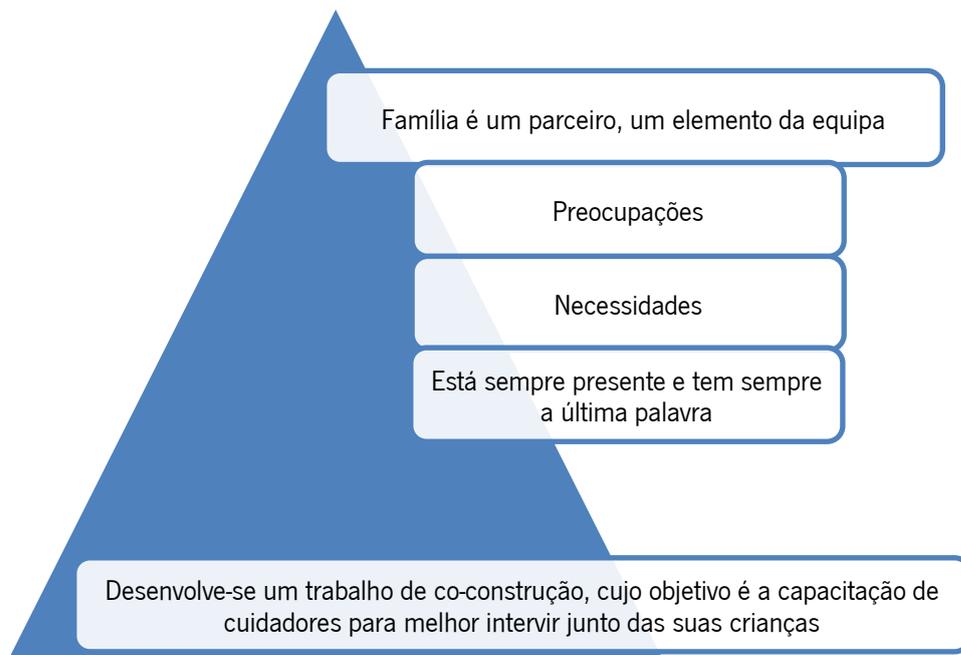
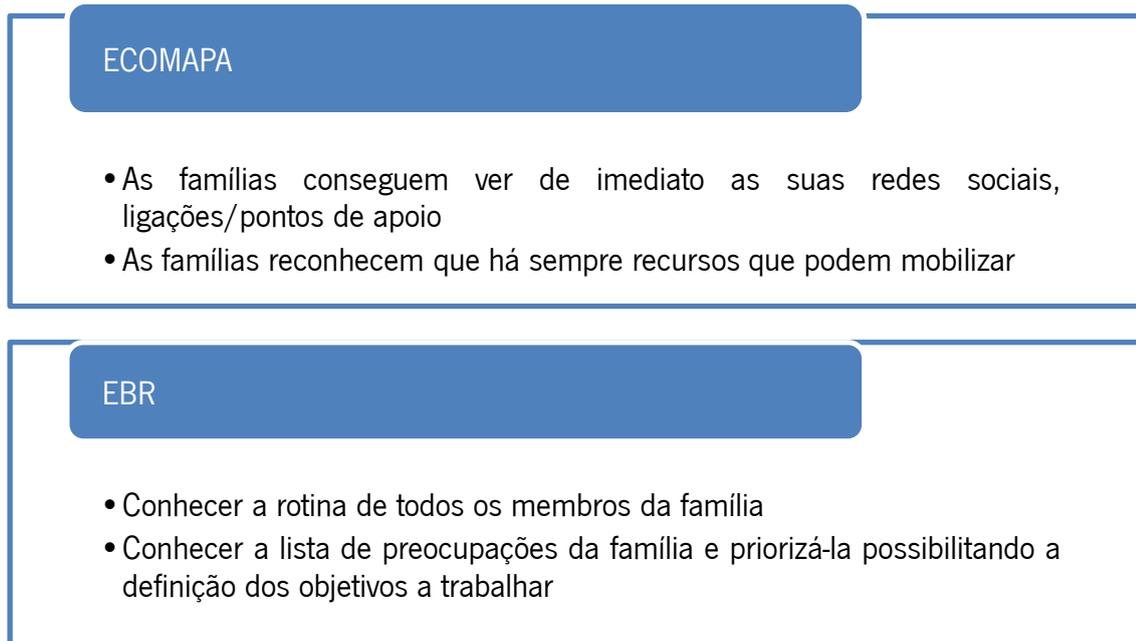


Figura 8. Papel da família

#### 4.4. Instrumentos usados pela equipa

As 6 equipas que participaram neste estudo referem utilizar sempre o Ecomapa. No entanto, nem sempre usam a EBR, ou se a usam, é em versões adaptadas, pois todas opinaram que a EBR no seu formato original é muito grande e demora muito tempo a aplicar. Mas, na prática a EBR é usada pois tudo é baseado na rotina da Criança. Também há equipas que usam documentos do SNIPI (ficha de referência, ficha de caracterização da criança e da família) e escalas de avaliação de desenvolvimento (ex: *Mary Sheridan Guia Portage*), *check list* (ASQ3), “Currículo Carolina do Norte”.

Segundo os entrevistados, com o Ecomapa as famílias conseguem ver de imediato as suas redes sociais e percebem que há sempre recursos que podem mobilizar (Figura 9). A EBR permite conhecer a rotina de cada membro da família e da criança em particular e conhecer a lista de preocupações da família, levando à sua priorização de forma a estabelecer os objetivos da intervenção da ELI.



*Figura 9. Vantagens dos Ecomapa e da EBR*

Relativamente aos elementos da equipa que aplicam o Ecomapa (usado por todas as ELI'S), em algumas equipas trata-se do coordenador e assistente social (e têm formação para o efeito), e na impossibilidade destes, o psicólogo e um terapeuta também o aplicam. Há outras ELI'S onde todos os elementos aplicam esse instrumento, mas nenhum deles teve formação. Há uma outra ELI em que todos os elementos aplicam tendo formação, que é considerada escassa por parte do entrevistado.

Todos os elementos que integram as 6 equipas em estudo veem utilidade no uso dos instrumentos, principalmente do Ecomapa que é o mais usado. Há uma equipa que refere que os elementos reconhecem a utilidade dos instrumentos, mas não criaram o hábito de usarem de forma formal por questões de tempo.

As famílias reagem bem ao uso do Ecomapa, pois obriga-as a refletir, tomando consciência dos aspetos que correm bem e dos aspetos que têm de aprimorar, e dessa forma sentem-se envolvidas na promoção da participação da criança nas atividades.

O tempo de aplicação dos instrumentos varia entre 1 a 2 horas e meia, sendo que a maioria das equipas apontou 1,5 horas.

Ao longo do processo, todas as equipas referem que os resultados construídos a partir dos instrumentos são periodicamente revistos com as famílias. Essa revisão ocorre após a reunião de reavaliação dos objetivos do PIIP, sempre que a família o solicite ou sempre que haja alterações, de forma a indagar as (novas) preocupações da família ao longo do processo o que leva a redefinir os

objetivos.

Há um entrevistado (E2) que narra:

“Nada do que é construído/registado com as famílias assume um caráter definitivo, pois todo o processo de intervenção tem por base uma dinâmica que se pretende ser o mais ajustada possível às necessidades, prioridades e recursos que as famílias nos apresentam”.

Resumidamente:

“Na abordagem centrada na família constata-se que esta tem um papel primordial na vida da criança. Logo o objetivo da intervenção precoce na infância consiste em criar as oportunidades, promover as capacidades através de um conjunto de medidas de apoio integrado e centrado na criança/família. Neste sentido, criança e família coexistem, isto é, não se pode separar este binómio. A criança faz parte da família e é nas práticas diárias desta que a criança pode desenvolver as suas capacidades e competências funcionais.”

Para finalizar foi solicitado aos entrevistados que referissem algum aspeto que não tivesse sido abordado ao longo da entrevista. Obtiveram-se duas repostas (de E2 e E5, respetivamente):

“No contexto da intervenção da ELI a pobreza e/ou doença mental colocam as famílias numa situação de grande fragilidade humana. No Universo das crianças/famílias que nos foram referenciadas, identificamos vários determinantes socioculturais que interferem muitas vezes nos resultados que desejamos serem eficazes...”

A outra opinião vem no sentido de se avaliar o Processo de Intervenção Precoce.

“Cada vez mais, a intervenção precoce, tem um papel de consultoria.”

Assim, como trabalho futuro:

- “Perceber se os objetivos delineados com as famílias são atingidos a longo prazo”
- “Quantas famílias optam pela Intervenção Precoce e/ou pelos serviços da escola inclusiva (EMAEI)”
- “Quantas famílias poderiam ou tem “alta” porque já estão mais capacitadas”
- “Fazer o levantamento de quantos profissionais e áreas há na ELI e quanto tempo é atribuído à intervenção, e que evidenciasse esta realidade que é vital para o funcionamento cabal das ELI’S.”

Dos resultados evidenciados por este estudo, um merece a nossa especial atenção por o considerarmos um fator de especial importância no apoio que as Equipas prestam às famílias e suas crianças e que consiste na formação que os próprios profissionais possuem para o trabalho de IPI que desenvolvem.

Neste estudo, dos 6 entrevistados 5 afirmaram ter formação em Intervenção Precoce na Infância. Esta formação situa-se para alguns apenas na formação contínua.

Dos seis elementos das equipas entrevistadas, só três possuíam mestrado ou especialização em Intervenção Precoce.

Uma das Equipas refere que a formação é escassa, dispendiosa e que se situa somente nos grandes centros urbanos, existentes nas zonas litorais.

Esta equipa expressou vontade de receber mais formação especializada, ou seja, mais formação quer de curta duração, quer formação ao nível de especializações mas se a sua zona de intervenção não se situar nos centros urbanos, essa especialização é quase impraticável, pois além dos constrangimentos atrás referidos, estas equipas praticam um horário de trabalho diário intenso o que somado às necessidades de deslocação levam a que o desejo de uma formação mais intensa e especializada seja quase um sonho.

Embora todos os profissionais entrevistados revelem muito conhecimento, que advém sobretudo da experiência diária, é notório que os profissionais mais qualificados e, nalguns casos, também mais velhos demonstram mais segurança em todos os procedimentos.

Nos menos qualificados e, muitas vezes mais novos, destaca-se a vontade de saber mais, de considerar que com mais formação poderiam ser mais especialistas, estar mais atualizados, aprender mais, conhecer novas técnicas, novos estudos,

Em todos encontramos uma enorme dedicação à causa, um enorme profissionalismo e muita vontade de aprender mais.

Retornando ao tema da formação, sabemos que a formação é importante em todos os setores do conhecimento, mas sobretudo na área da IPI e do desenvolvimento infantil, onde a evidência Científica avança continuamente.

Assim, é essencial haver um contínuo investimento nestes profissionais de modo que estejam sempre atualizados e assim, possam desenvolver práticas de qualidade junto das famílias e crianças.

Moore (2008) aponta várias tendências emergentes na evolução da prática de intervenção na primeira infância, entre as quais a de um “modelo direto de prestação de serviços para formas indiretas e consultivas de prestação de serviços”. Segundo esta tendência o prestador de serviço presta agora um

serviço indireto, flexível, que pode assumir vários papéis, nos quais estão incluídas habilidades de consultadoria. Estas “tendências emergentes” já são uma realidade em Portugal, mas necessitam de formação contínua dos profissionais envolvidos.

De acordo com este autor, os profissionais de IPI precisam ser reflexivos, isto é, deverão possuir a capacidade de desenvolver uma reflexão sobre o trabalho que fazem e os objetivos que a equipa, incluindo a família, tem em mente.

Para tal, é preciso que estabeleçam “hábitos de aprendizagem ao longo da vida” na qual a formação desempenha um papel essencial.

## 5. CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Ao longo deste estudo procuramos compreender a importância de instrumentos como a Entrevista Baseada em Rotinas e o Ecomapa na construção do PIIP, documento que se constitui num guia de toda a intervenção e é construído conjuntamente pelos profissionais e pela família.

Para a construção do PIIP e para uma avaliação do contexto onde a família tem um papel central e único muito contribuem o Ecomapa e a Entrevista Baseada em rotinas, adaptados frequentemente a situação pelos profissionais de acordo com o feedback fornecido pelas famílias.

São, assim, instrumentos vivos tantas vezes vistos e reconstruídos que se tornam a identidade e o diário fiel de cada família.

Durante este trabalho, os profissionais puderam relatar a sua a sua experiência e grau de satisfação com estes instrumentos que integram a sua experiência profissional diária.

A metodologia utilizada, inquérito por entrevista, permitiu não só obter respostas concretas e objetivas às questões colocadas, mas possibilitou um diálogo informal que contribuiu para uma maior aproximação contextual à experiência vivida por estes profissionais.

Ao nível das limitações deste estudo, poderia considerar-se a possibilidade de não se ter ouvido diretamente também as famílias, embora acreditemos na tradução que os profissionais transmitiram da satisfação destas em relação a estes instrumentos.

Os resultados deste estudo revelam o empenho e o compromisso dos profissionais das ELI'S e a utilização destes instrumentos em prol do bem-estar das famílias.

Face aos resultados obtidos neste estudo, recomendam-se a exploração das seguintes questões, sugestões de um profissional participante no presente estudo, em trabalhos futuros:

- Perceber se os objetivos delineados com as famílias são atingidos a longo prazo”
- “Quantas famílias optam pela Intervenção Precoce e/ou pelos serviços da escola inclusiva (EMAEI)”
- “Quantas famílias poderiam ou tem “alta” porque já estão mais capacitadas”
- “Fazer o levantamento de quantos profissionais e áreas há na ELI e quanto tempo é atribuído à intervenção, de forma a evidenciar esta realidade que é vital para o funcionamento cabal das ELI'S.”

A estes acrescentaríamos:

- A capacitação dos profissionais através de um maior investimento na formação dos mesmos para que cada vez possam responder melhor às preocupações das famílias e seus filhos, uma vez que este aspeto tem tido pouco investimento e valorização por parte do SNIPI ao longo da sua existência. Este aspeto pode vir a interferir de forma negativa no desenvolvimento profissional e qualidade das práticas do SNIPI colocando em risco um sistema reconhecido como um modelo de intervenção de referência internacional, tanto mais que o desenvolvimento profissional deve ser a coluna vertebral de um sistema de intervenção Precoce qualquer que ele seja.
- Compreender como propiciar uma maior informação às Educadoras e às próprias famílias deste serviço, que se revela essencial para um bom desenvolvimento e adaptação da criança com dificuldades à vida escolar que se aproxima.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agostinho, (2007), Ecomapa, *Revista Portuguesa de Clínica Geral*.

Almeida, I. C. et al. (2011) Práticas de intervenção precoce baseadas nas rotinas: Um projeto de formação e investigação, *Análise Psicológica* (2011), 1 (XXIX): 83-98

Bairrão e Almeida (2003), Questões atuais em Intervenção Precoce. *Psicologia*, Vol. XVII (1), pp.15-29.

Barata e Carvalho (2018). Práticas de Intervenção Precoce: Um Estudo de caso de uma criança em risco com perturbação do desenvolvimento intelectual. Atas do 12o Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, Organizado por Isabel Leal, Sofia von Humboldt, Catarina Ramos, Alexandra Ferreira Valente, & José Luís Pais Ribeiro, 25, 26 e 27 janeiro de 2018, ISPA – Instituto Universitário

Bailey, D. B e McWilliam, P. J. (1993). The search for quality indicators. In P. J. McWilliam e D. B. Bailey (Eds), *Working together with children and families – Case studies in early intervention* (pp.3-20). Paul H. Brooks.

Bailey, D. B. e McWilliam, R. A. (1993). *The Family FOCAS*. University of North Carolina at Chapel Hill.

Bhering e Sarkies, (2009), Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil, *Horizontes*, v. 27, n. 2, p. 7-20, jul./dez. 2009

Boavida, T., Aguiar, C., & McWilliam, R. (2018). A intervenção precoce na infância e os contextos de educação de infância. *Teoria, práticas e investigação em intervenção precoce*, 5-26.

Bronfenbrenner, U. (1995). *Developmental ecology through space and time: A future perspective*.

Bronfenbrenner, U. (1989). Contextos de crianza del niño. Problemas Y prospectiva. *Infancia y Aprendizaje* (29), 45-55.

Calafate e Calafate, (2021). Alguns contributos das neurociências para a educação: os ambientes

enriquecidos aumentam a capacidade de aprendizagem do nosso cérebro?  
*Revistamultidisciplinar.com*, vol.3(2), pp 25-39. DOI: <https://doi.org/10.23882/NE2145>

Correia, L. M., & Serrano, A. M. (1998). *Envolvimento parental em intervenção precoce: das práticas centradas na criança à práticas centradas na família*. Porto Editora.

Cossio, A.P, Pereira, A.O. Rodriguez, R.C. (2018). Benefícios da intervenção precoce para a família de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. *Revista Educação Especial*, 31(60), 9-20.  
<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X2833>

DIVISION FOR EARLY CHILDHOOD (DEC). *DEC recommended practices in early intervention/early childhood special education*, Los Angeles, 2014. Disponível em: <https://www.dec-sped.org/dec-recommended-practices>. Acesso em: agosto 2022

Delgado (2009). O acolhimento familiar numa perspetiva ecológico-social, *Revista Lusófona de Educação*, 2009,14, 157-168.

Dias, M.O. (2011). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica. processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.

Dunst, C.J., & Espe-Sherwindt, M. (2016). Family-centered practices in early childhood intervention. In S. L. Odom, B. Reichow, E. Barton, & B. Boyd (Eds.), *Handbook of early childhood special education* (pp. 37-55). Springer.

Dunst, C. J., Trivette, C. M., Davis, M., & Cornwell, J. (1988). Enabling and empowering families of children with health impairments. *Children's Health Care*, 17(2), 71-81.

Dunst, C.J., Raab, M., Trivette, C., & Swanson, J. (2010). Community-based everyday child learning opportunities. In R. McWilliam (Ed.), *Working with families of children with special needs* (pp. 60-81). The Guilford Press.

Dunst, C. J., Trivette, C. M., e Snyder, D. (2000). Family-professional partnerships: A behavioral science

- perspective. In J. F. Marvin & R. L. Simpson (Eds.), *Collaboration with parents and families of children and youth with exceptionalities*. (pp. 27-48). PRO-ED, Inc.
- Dunst, C. J., Trivette, C. M., e Hamby, D. W. (2007). Meta-analysis of family-centered helpgiving practices research. *Mental Retardation and Developmental Disabilities Research Reviews*, 13, 370-378.
- Dunst, C. J. (2017). Family systems early childhood intervention. In H. Sukkar, C. J. Dunst, & J. Kirkby (Eds.), *Early childhood intervention: Working with families of young children with special needs* (pp. 36–58). Routledge/Taylor & Francis Group.
- European-Agency, Intervenção Precoce na Infância. Análise das situações na Europa. Aspectos chave e recomendações (2005). Retrieved in [https://www.european-agency.org/sites/default/files/early-childhood-intervention-analysis-of-situations-in-europe-key-aspects-and-recommendations\\_eci\\_pt.pdf](https://www.european-agency.org/sites/default/files/early-childhood-intervention-analysis-of-situations-in-europe-key-aspects-and-recommendations_eci_pt.pdf) (consultado em 24/09/2022)
- Franco, V. (2007). Dimensões transdisciplinares do trabalho de equipa em Intervenção Precoce. *Interação em Psicologia*, 11 (1), 113-121.
- Franco, V. (2009). A adaptação das famílias de crianças com perturbações graves do desenvolvimento- contribuição para um modelo conceptual. *Infad-International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 21(2), 1.
- Franco, V. (2015). *Introdução à Intervenção Precoce no desenvolvimento das crianças: com a família, na comunidade, em equipe*. Edições Aloendro.
- Gonçalves, M., & Simões, C. (2010). Práticas de intervenção precoce na infância - as necessidades das famílias de crianças com Necessidades Educativas Especiais. *Gestão e Desenvolvimento*, (17-18), 157-174. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2010.134>
- Gonçalves, Santos, Timbó e Sousa, (2019). A neurociência e a sua contribuição para a aprendizagem. Conedu, VI Congresso Nacional de Educação

- Gronita, (2012). Intervenção precoce na infância enquanto processo de inclusão e de desenvolvimento social. *Família, educação e desenvolvimento no séc XXI - Olhares interdisciplinares*, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Portalegre.
- Guerrero e Gonçalves, (2008), Identidade narrativa e plasticidade cerebral: algumas propostas pedagógicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- McWilliam, R. A. (2003). The primary-service-provider model for home-and-community-based services. *Psicologia*, XVII (1), 115-135.
- McWilliam, R. A. (2012). *Trabalhar com as famílias de crianças com necessidades especiais*. Porto Editora.
- Machado, M. A. M., dos Santos, P. Â. C. H., & Espe-Sherwindt, M. (2017). Envolvimento participativo de famílias no processo de apoio em Intervenção Precoce na Infância Participatory involvement in Early Childhood Intervention. *Saber & Educar*, (23), 122-137.
- Martins, R. M. F., Carvalho, O. D. C., & Pascoinho, J. C. (2018). *Intervenção precoce: práticas e representações*.
- McBride, S. L., Brotherson, M. J., Joanning, H., Whiddon, D. e Demmit, A. (1993). Implementation of family-centered services: Perceptions of families and professionals. *Journal of Early Intervention*, 17 (4), 414-430.
- Mello, D. F., Vieira, C. S., Simpionato, É., Biasoli-Alves, Z. M., & Nascimento, L. C. (2005). Genograma e ecomapa: possibilidades de utilização na estratégia de saúde da família. *Journal of Human Growth and Development*,15(1), 78-91.
- Moore, T. (2008). *Intervenção na primeira infância: conhecimentos e competências principais*, CCCH Working Paper 3 (novembro de 2008). Parkville, Victória: Centro de Saúde Infantil Comunitária.

- Pereira, A.P.S. (2009). *Práticas Centradas na Família em Intervenção Precoce: Um Estudo Nacional sobre as Práticas Profissionais*. Doutoramento, Instituto de Estudos da Criança - Universidade do Minho, Braga.
- Pereira e Serrano (2010). Intervenção Precoce em Portugal: evidências e consequências. *Inclusão*, nº10.
- Pimentel, J. (2005). *Intervenção focada na família: desejo ou realidade*. Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Pinto, M. e Serrano, A.M. (2015). Avaliação da participação das famílias no apoio prestado pelas equipas de intervenção precoce, *Revista de Estudios e Investigación en Psicología Y Educación*, Vol. Extr., No. 11. DOI: 10.17979/reipe.2015.0.11.359
- Portugal, (1992), *Ecología e desenvolvimento humano em Bronfenbrenner*. Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional.
- Prati et al. (2008). Revisando a Inserção Ecológica: Uma Proposta de Sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 160-169.
- Ribeiro, J.L.P. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3(XVII),547-558.
- Serrano, A.M. (2019). “Sé que puedo contar con...”. La importancia de las redes sociales de apoyo en Atención Temprana. In C.T.E. Mora & L. R. Garcia (Eds.), *Prácticas de atención temprana centradas en la familia*, pp. 107-129. UNED. ISBN 978-84-362-7548 -3
- Serrano, A. M., & Boavida, J. (2011). Early Childhood Intervention.: The Portuguese pathway towards inclusion. *Revista de Educación Inclusiva*, 4(1), 123-138.
- Serrano, Pereira e Carvalho (2003). Oportunidades de aprendizagem para a criança nos seus contextos de vida. *Psicologia*, Vol XVII (1), pp. 65-80.

Sousa e Alves (2017). A neurociência na formação dos educadores e sua contribuição no processo de aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*, 34(105): 320-31.

Trivette, C. M., Dunst, C. J., Deal, A. G., Hamer, A. W., & Propst, S. (1990). Assessing family strengths and family functioning style. *Topics in Early Childhood Special Education*, 10(1), 16-35.

Workgroup on Principles and Practices in Natural Environments, OSEP TA Community of practice: Part C Settings. (2008, março). Agreed upon mission and key principles for providing early intervention services in natural environments. Retirado de [http://ectacenter.org/pdfs/topics/families/Finalmiddionandprinciples3\\_11\\_08.pdf](http://ectacenter.org/pdfs/topics/families/Finalmiddionandprinciples3_11_08.pdf)

Xavier, (2008). Porque necessitamos de um modelo bioecológico–transaccional para pensar o futuro? *Cadernos de Pedagogia Social*, 2 (2008) 117-123.

## **ANEXOS**

## **Anexo I – Consentimento Informado**

Exmo. (a). Senhor(a).

Vimos por este meio solicitar a sua colaboração no estudo intitulado **“Contributos da EBR e do Ecomapa na construção dos PIIP e na avaliação autêntica centrada na família: Perspetivas dos profissionais das ELI’S.”** Esta investigação, conduzida sob a orientação da Professora Doutora Ana Maria Serrano, surge no âmbito do Mestrado em Educação Especial – área de especialização em Intervenção Precoce na Infância, do Instituto de Educação da Universidade do Minho.

O objetivo do presente estudo é conhecer – através do olhar dos profissionais de Intervenção Precoce na Infância (IPI) a relevância dos instrumentos referidos na construção dos PIIP e, em que medida os profissionais de IPI que dão suporte às famílias os valorizam e utilizam nas Práticas Centradas na Família. Para isso contamos com a sua importante colaboração.

O seu olhar sobre estas questões será recolhido por intermédio de uma entrevista semi-estruturada cuja gravação áudio gostaríamos que autorizasse, através da assinatura do Consentimento Informado (em baixo).

Os dados do presente estudo serão tratados, pela autora do estudo, de modo confidencial e salvaguardando a identificação dos seus participantes. Os dados gravados serão destruídos após o estudo.

---

### **CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu, \_\_\_\_\_, profissional de Intervenção Precoce na Infância, mediante salvaguarda da confidencialidade dos dados, autorizo, para fins de investigação, a gravação – em registo áudio – e análise dos dados recolhidos no âmbito do estudo **“Contributos da EBR e do Ecomapa na construção dos PIIP e na avaliação autêntica centrada na família: Perspetivas dos profissionais das ELI’S.”**

**Data:** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

A investigadora,

Carla Sandra Caetano dos Santos Paiva (Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas e Mestranda em Educação Especial - área de especialização em Intervenção Precoce, no Instituto de Educação da Universidade do Minho)

## **Anexo II – Guião de Entrevista às ELI'S**

### **Questionário sócio demográfico**

1- Situe a sua Idade.

- 22 a 32 anos

- 33 a 43 anos

- 44 a 54 anos

- 55 a 64 anos

2- Qual a sua formação inicial?

---

---

3- Tem formação em Intervenção Precoce na Infância? Caso afirmativo indique a formação realizada.

---

---

4 - Há quantos anos trabalha nas ELI'S?

- 1 a 5 anos

- 6 a 10 anos

- 11 a 15 anos -Mais de  
15 anos

5 Trabalhou em Intervenção Precoce na Infância antes da data do Decreto-Lei 281/2009

Sim Não

Se respondeu afirmativamente, indique o número de anos que trabalhou.

---

6 - Gosta de trabalhar nesta área? Porquê?

---

---

---

---

**Guião da entrevista**

1- A sua equipa integra a região do Porto ou de Bragança?

---

2- Quantos são e quem são, no que respeita à função, os elementos que integram a equipa?

---

---

---

---

---

3- Que pensa sobre o modo como está organizada a constituição das equipas e o seu funcionamento? Têm o número de profissionais suficiente? Desenvolvem um trabalho colaborativo?

---

---

---

---

---

4- Que aspetos salientaria como positivos do trabalho desenvolvido na sua equipe?

---

---

---

---

---

5- Há algum aspeto na forma como a equipa desenvolve o seu trabalho que gostaria de ver aprofundado e/ ou melhorado?

---

6- Poderia descrever-me como funciona, sumaria e genericamente, o processo de Intervenção Precoce na Infância com uma família?

---

---

---

---

---

---

7 - Como considera ser o trabalho da equipa com as famílias?

---

---

---

---

---

8- Na sua opinião, que tipo de contributo para as famílias traz o trabalho realizado pela  
Intervenção Precoce na Infância?

---

---

---

---

---

9- De que forma os profissionais da sua equipa incluem a família, como mais um elemento da  
equipa? O que pensa sobre isto?

---

---

---

---

---

10- A opinião da família é valorizada e tida em conta nas decisões tomadas para a elaboração do  
PIIP?

---

---

---

---

11- A equipa utiliza o Ecomapa e Entrevista Baseada em Rotinas?

- Sempre
- Às vezes
- Raramente
- Nunca

12- Caso tenha respondido às vezes, raramente ou nunca explique a razão que leva a que, na sua opinião, estes instrumentos não sejam sempre utilizados.

---

---

---

---

13- Se respondeu sempre, enumere as vantagens que considera que cada instrumento traz ao trabalho de equipa.

---

---

---

---

---

14- Se a equipa não utiliza estes instrumentos como desenvolvem e o que usam no vosso trabalho?

---

---

---

---

---

15- Quantos elementos da equipa aplicam estes instrumentos?

Os elementos que os aplicam tiveram formação para o fazer? Pode especificar que tipo de formação tiveram e qual foi o Organismo que a ministrou?

---

---

---

---

16- Todos os elementos da equipa veem utilidade na utilização do Ecomapa e da EBR ou há elementos renitentes?

---

---

---

17- Caso utilizem o Ecomapa e a EBR como é que as famílias reagem à sua utilização?

---

---

---

---

18- Quanto tempo, em média, ocupam em cada sessão com a família para construírem o resultado destes instrumentos?

---

---

---

---

19- Os resultados construídos com estes instrumentos são periodicamente revistos com as famílias?

---

20- Se respondeu afirmativa poderia explicar em que moldes isso acontece?

---

---

---

---

---

21- É concedida as famílias a possibilidade de alterarem, corrigirem ou acrescentarem as suas respostas?

---

---

---

---

22- Caso tenha respondido negativamente, porque não utilizam essa possibilidade?

---

---

---

---

---

23- As respostas das famílias são utilizadas para a construção de um plano que as ajude a ultrapassar as suas dificuldades?

---

---

---

---

24- Os objetivos desenvolvidos a partir destes instrumentos contemplam objetivos para a criança? E para a Família?

---

---

---

---

---

25- Há algum aspeto que não tenha sido questionado e que gostaria de referir?

---

---

---

---

---

Obrigada pela sua colaboração